

Diferenças de gênero no processo diagnóstico do transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa

Gender differences in the diagnostic process of autism spectrum disorder: an integrative review

 <https://doi.org/10.56238/cienciasaudeestuesv1-073>

Rayany Lohany Dias Moraes

Graduada em Psicologia pela Universidade CEUMA, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: rayanylohany2015@gmail.com

Ana Flávia Lima Teles da Hora

Psicóloga, Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento – UFPA e professora na Universidade CEUMA, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: anaflaviadahora@hotmail.com

RESUMO

As taxas de prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA), majoritariamente masculinas, salientam para a discussão em torno da manifestação e averiguação das características clínicas e sintomatológicas autistas e o processo diagnóstico do transtorno no gênero masculino e feminino. Desta forma, esta pesquisa discute a relevância dos aspectos relacionados às diferenças de gênero no que tange ao processo diagnóstico do TEA bem como as implicações observadas. Realizou-se uma revisão integrativa de caráter descritivo a partir da abordagem qualitativa, da literatura dos últimos cinco anos. Mediante o processo de coleta de artigos nas bases de dados BVS e PubMed e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, obteve-se para análise um total de 12 artigos científicos. Os resultados analisados apontam para diferenças de manifestação dos traços autísticos em homens e mulheres, tendo no perfil feminino maiores dificuldades de reconhecimento. Este desafio incide paralelamente na subidentificação de mulheres autistas que não atingem o limiar diagnóstico dos atuais instrumentos de rastreio e confirmação do transtorno, resultando em maiores taxas de diagnósticos tardios e/ou errôneos e consequentemente na carência de serviços e suporte adequados. Considera-se, ainda a cristalização de padrões estereotipados de comportamentos socialmente aceitáveis que são desempenhados pelo

grupo feminino, indicando para o desenvolvimento de processos de camuflagem e condutas compensatórias em mulheres com TEA. Ressalta-se a delineação de pesquisas futuras que se aprofundem no desenvolvimento das características clínicas e processo diagnóstico do TEA em mulheres ao longo das diferentes fases do desenvolvimento.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Caracteres Sexuais, Diagnóstico.

ABSTRACT

The prevalence rates of Autism Spectrum Disorder (ASD), mostly male, highlight the discussion around the manifestation and ascertainment of autistic clinical and symptomatological characteristics and the diagnostic process of the disorder in males and females. Thus, this research discusses the relevance of aspects related to gender differences regarding the diagnostic process of ASD as well as the implications observed. An integrative review of a descriptive nature was carried out based on a qualitative approach of the literature from the last five years. Through the process of collecting articles from the BVS and PubMed databases and applying the established inclusion and exclusion criteria, a total of 12 scientific articles were obtained for analysis. The analyzed results point to differences in the manifestation of autistic traits in men and women, with the female profile having greater recognition difficulties. This challenge also affects the under-identification of autistic women who do not reach the diagnostic threshold of the current screening instruments and confirmation of the disorder, resulting in higher rates of late and/or erroneous diagnosis and, consequently, in a lack of adequate services and support. The crystallization of stereotyped patterns of socially acceptable behavior that are performed by the female group is also considered, indicating the development of camouflage processes and compensatory behaviors in women with ASD. We emphasize the need for future research that

delves deeper into the development of the clinical characteristics and diagnostic process of ASD in women throughout the different stages of development.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Sexual Characteristics, Diagnosis.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) corresponde a uma condição pertencente à classe dos transtornos do neurodesenvolvimento, sendo caracterizado por manifestações sintomatológicas precoces que acarretam prejuízos clínicos significativos e que podem perdurar até a fase adulta do indivíduo (American Psychiatric Association [APA], 2013).

As implicações decorrentes do transtorno perpassam por déficits persistentes no que tange ao domínio sociocomunicativo, sendo observadas dificuldades na comunicação verbal e não-verbal e no estabelecimento de habilidades de interação social; concomitantemente integralizadas à presença de repertórios focalizados de comportamentos e/ou interesses com proporções restritas e repetitivas (APA, 2013; Griesi-Oliveira & Sertié, 2017).

De acordo com a 5ª edição do DSM, o transtorno possui classificações de gravidade que são especificadas a partir do nível de apoio demandado (APA, 2013). Desta forma, Reis e Lenza (2019) salientam para construção precoce do processo diagnóstico do TEA, envolvendo uma série de procedimentos que visam subsidiar intervenções também precoces, consideradas como fator fundamental para a mitigação dos agravos relacionados e melhoria da qualidade de vida do autista.

Neste processo, ressaltam-se a condução de observações clínicas do indivíduo, entrevistas com os pais, adequação aos critérios diagnósticos, utilização de instrumentos específicos de rastreio do autismo, como algumas das possibilidades iniciais (Gomes, Lima, Bueno, Araújo & Souza, 2015). Considerando as altas taxas de prevalência epidemiológica do transtorno que representa cerca de 1% da população mundial, destaca-se o acometimento diagnóstico quatro vezes maior em homens na comparação com as mulheres (Baxter et al., 2015; Özerk & Cardinal, 2020).

De acordo com Monteiro, Santos, Gomes e Rito (2020), tal dado ressalta a ênfase na compreensão da constituição de similaridades e divergências na apresentação clínica, evolução e resposta ao tratamento no que tange à categorização por gênero, fator imprescindível para a ampliação de intervenções específicas favoráveis à otimização do prognóstico.

O diagnóstico do transtorno quando identificado em meninas frequentemente associa-se à presença de deficiência intelectual, o que designa características topográficas de apresentação e identificação diferenciais entre os gêneros (APA, 2013). Constata-se, segundo Young, Oreve e Speranza (2018) maior precisão de reconhecimento do TEA no gênero feminino quando há associação com outros déficits,

especialmente atrasos na linguagem e comprometimento intelectual severos, o que impõe desafios na detecção do TEA em meninas com apresentação mais branda das características.

Estudos recentes na área, a partir das pesquisas conduzidas por Baron-Cohen et al. (2011) e Walsh, Wallace, Gallegos e Braden (2021), têm direcionado perspectivas biológicas para a análise da disparidade encontrada, incidindo para a recorrência de um viés de sexo/gênero masculino na identificação e apresentação clínica dos traços autistas, refletidas no processo diagnóstico.

Em contrapartida, fundamentações alertam para o desenvolvimento de processos de camuflagem e condutas compensatórias desenvolvidas por mulheres com TEA, representando a manutenção de padrões estereotipados e apresentação de comportamentos socialmente aceitáveis (Dean, Harwood & Kasari, 2017; Tubío-Fungueiriño, Cruz, Sampaio, Carracedo & Fernández-Prieto, 2021).

A investigação das implicações das diferenças de gênero no diagnóstico, conforme Young et al. (2018), esboçam condições de possíveis subdiagnósticos do transtorno no grupo feminino, o que incide paralelamente no agravamento da sintomatologia TEA, diagnósticos errôneos e/ou tardios e intervenções inadequadas.

A presente pesquisa se justifica a partir da expansiva relevância da temática abordada, fundamentando a compreensão acerca das implicações das diferenças de gênero interpostas no processo diagnóstico do TEA, o que por sua vez, pode favorecer na implantação de sistemas ampliados de detecção precoce e precisa da sintomatologia do transtorno em ambos os gêneros.

Considerando as limitações encontradas no processo diagnóstico de mulheres autistas, advém o caráter de subidentificação do transtorno no gênero, carecendo de suporte e serviços especializados, o que evidencia potenciais efeitos deletérios no desenvolvimento da sintomatologia apresentada. Ademais, destaca-se a escassa produção científica acerca das diferenças de gênero no diagnóstico de TEA, especificamente na literatura nacional.

O objetivo geral desta pesquisa é discutir a relevância dos aspectos relacionados às diferenças de gênero no que tange ao processo diagnóstico do TEA bem como suas implicações, tendo como objetivos específicos: 1) Descrever as implicações das diferenças de gênero no reconhecimento das características clínicas e sintomatológicas do transtorno; 2) Identificar os efeitos das diferenças de gênero no processo diagnóstico do TEA; e 3) Analisar a relação entre as diferenças de gênero no processo diagnóstico do autismo e as implicações do subdiagnóstico do transtorno.

2 MÉTODO

Delineamento da pesquisa

O presente estudo compreende a abordagem de revisão integrativa da literatura (Souza, Silva & Carvalho, 2010), considerando como escopo a possibilidade de conduzir uma análise crítica, compreensiva e extensiva sobre a temática definida a partir dos achados bibliográficos presentes na literatura científica, baseando-se em critérios preestabelecidos e etapas analíticas sistematizadas.

De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica abrange um caráter metodológico descritivo, que possui como finalidade principal permitir maior familiaridade com o tema e aprofundamento de conceitos e/ou ideias, além de contribuir para a constituição de uma base sólida de conhecimento, integralizando teorias já existentes com temáticas científicas atuais, assim como possibilita a identificação de vieses para formulação de novas oportunidades de pesquisa.

Seguindo as diretrizes de Mendes, Silveira e Galvão (2019), o trabalho foi desenvolvido de acordo com etapas metodológicas específicas, as quais sejam: (1) Definição da questão norteadora da pesquisa; (2) Delineamento dos descritores de busca e bases de dados bibliográficas para coleta e seleção dos estudos; (3) Definição dos critérios de inclusão e exclusão (4) Extração dos dados obtidos nos estudos primários incluídos na revisão; (5) Avaliação crítica dos dados das pesquisas e (6) Sistematização e síntese dos resultados.

Desenvolvimento da questão norteadora

A partir da elucidação do tema a ser trabalhado nesta revisão e consoante aos processos de constituição da pergunta analítica que se encontram ancorados na utilização da estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação, Resultado/Desfecho) (Galvão & Pereira, 2014), elencou-se como questão norteadora para a orientação metodológica da pesquisa, o seguinte questionamento central: *De que forma os aspectos relacionados às diferenças de gênero implicam no processo diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista?*

Definição dos descritores e bases bibliográficas

Foram delineadas, para aplicação no estudo, as seguintes bases de dados: PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A escolha destas plataformas como fonte de pesquisa se dá em função da abrangência de múltiplos periódicos na área da saúde, integrando publicações científicas completas com projeção exponencial de visibilidade das produções a nível nacional e internacional.

Com relação aos descritores de busca, foram designadas as seguintes palavras-chaves orientadas pelos operadores booleanos *OR* e *AND*: (*sex OR gender AND autism AND diagnosis*; *sexo OR gênero AND autismo AND diagnóstico*). O processo de coleta e análise dos dados compreendeu o período de agosto à novembro de 2021.

Critérios de elegibilidade

Como forma de pormenorizar os achados bibliográficos e garantir maior aproximação dos resultados obtidos na pesquisa à questão e temática norteadoras do estudo, desenvolveu-se os seguintes critérios de inclusão: (1) textos disponíveis na íntegra; (2) recorte temporal dos últimos cinco anos; (3) artigos e/ou estudos em português e/ou inglês; (4) artigos que tenham como temática principal discutir as

influências das diferenças de gênero no que diz respeito ao processo diagnóstico e desenvolvimento do TEA.

Enquanto que os critérios de exclusão englobam: (1) artigos não disponíveis na íntegra; (2) com publicação anterior ao ano de 2016; (3) textos com idioma diferentes do português e inglês; (4) artigos duplicados e/ou com repetição e (5) estudos que não tenham como assunto principal abordar as influências das diferenças de gênero no processo diagnóstico e desenvolvimento do TEA.

Etapas do processo de análise

A primeira etapa de análise dos estudos primários, consistiu na leitura dos títulos e resumos dos artigos, verificando e adotando os critérios de inclusão e exclusão predeterminados. A segunda etapa compreendeu uma análise preliminar dos métodos e resultados obtidos em cada estudo (Mendes et al. 2019).

A terceira etapa do processo analítico envolveu a leitura integral e crítica dos textos, abarcando os principais dados decorrentes de cada estudo para posterior comparação de convergências e divergências entre as pesquisas estudadas. E, uma última e quarta etapa, consistiu na integralização dos dados obtidos em cada um dos estudos selecionados para a pesquisa, compreendendo a síntese dos resultados em função da resolução da questão norteadora deste estudo (Mendes et al., 2019).

3 RESULTADOS

Levantamento dos dados

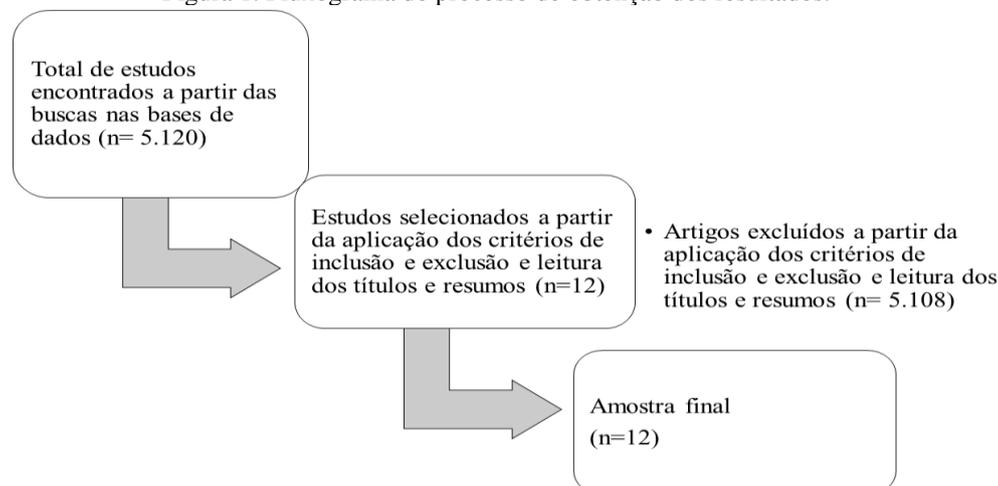
Foram realizadas pesquisas independentes nas bases de dados PubMed e BVS, utilizando os mesmos descritores nos idiomas português e inglês, com a utilização dos operadores booleanos *AND* e *OR*. Um total de 5.120 resultados foram encontrados nas referidas plataformas, constituindo o *n* inicial da pesquisa. A partir desses achados sucedeu-se a primeira etapa de coleta dos dados, considerando a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão predeterminados, concomitante à leitura dos títulos e resumos das respectivas pesquisas.

Na busca na base de dados PubMed foram encontrados um total de 2.859 artigos. Considerando os critérios de elegibilidade, foram excluídos deste total, 1.566 artigos por não estarem disponíveis na íntegra, 597 por não contemplarem o recorte temporal estabelecido dos últimos cinco anos, 10 estudos em idiomas diferentes do português e inglês, 683 por não apresentarem relação com a temática estudada e questão norteadora estabelecidas, resultando, portanto, em um total de 3 artigos nesta base.

Não obstante, a busca realizada na base de dados BVS, alcançou 2.261 estudos. Destes, 750 foram excluídos por não apresentarem texto completo ou indisponíveis, 644 das pesquisas foram publicadas fora do recorte temporal e 28 dos artigos não eram em português e/ou inglês. Após leitura dos títulos e resumos dos estudos, verificou-se que um total de 826 não apresentavam relevância consoante à questão norteadora

e temática definidas. Além disso, 3 dos estudos estavam duplicados, sendo assim, foram recuperados 9 estudos desta base.

Figura 1. Fluxograma do processo de obtenção dos resultados.



Elegeram-se, portanto, um total amostral final de 12 artigos científicos incluídos nesta revisão integrativa, considerando a observância e utilização dos critérios de inclusão e exclusão preestabelecidos metodologicamente e adequação à questão norteadora da pesquisa conforme apresentado na Figura 1 acerca do processo de obtenção amostral dos resultados (ver Figura 1).

Análise de dados

Os dados referentes aos aspectos característicos e constituintes de cada artigo foram relatados de acordo com categorias analíticas determinadas consoantes aos objetivos da pesquisa, apresentando o título da pesquisa, autor (es), delineamento metodológico, instrumentos utilizados e principais objetivos definidos (ver Quadro 1).

Desta forma, as categorias consistiram em: Categoria I – Reconhecimento das características clínicas e sintomatológicas em homens e mulheres na manifestação do TEA Categoria II – Diferenças de gênero na averiguação do TEA e Categoria III – Relação entre diferenças de gênero no diagnóstico de TEA e implicações do subdiagnóstico do transtorno.

A primeira categoria de análise considera os aspectos relacionados ao reconhecimento das características clínicas e sintomatológicas na avaliação de homens e mulheres na manifestação do TEA. Engloba, portanto, o caráter inicial do processo de reconhecimento do autismo, considerando a observação das manifestações sintomatológicas pelos pais, cuidadores, professores e profissionais da saúde.

Considerando este como ponto de partida inicial no processo diagnóstico, o reconhecimento destas características representa fator fundamental para a compreensão dos aspectos ligados ao desenvolvimento do transtorno, considerando a apreensão quantitativa e qualitativa de convergências e divergências entre

perfis masculinos e femininos na manifestação das características, conforme apresentado pelos estudos levantados.

A segunda categoria analisa a verificação das implicações relacionadas às diferenças de gênero na averiguação do TEA, compreendendo a apreensão dos traços autistas pelos principais instrumentos de rastreio e de confirmação diagnóstica utilizados atualmente, bem como os principais dados relativos ao processo diagnóstico em homens e mulheres autistas.

A terceira categoria analítica enfoca na apresentação das principais implicações decorrentes das diferenças de gênero observadas no transtorno e sua relação com o efeito do subdiagnóstico em indivíduos autistas. Nesta vertente, um dos estudos analisou as diferenças de gênero no diagnóstico de TEA e a associação de maior probabilidade de diagnósticos tardios e/ou diagnósticos errôneos em mulheres e homens autistas.

Quadro 1. Caracterização dos resultados.

Categoria de análise	Título da Pesquisa	Delineamento Metodológico	Autor(es)/ Ano	Instrumentos Utilizados
I, II	Self-reported sex differences in high-functioning adults with autism: a meta-analysis	Meta-análise	Moseley, Hitchiner e Kirkby. (2018)	Ritvo Autism Asperger Diagnostic Scale-Revised (RAADS-R)
I, II	Autism spectrum disorder (ASD) in girls. Co-occurring psychopathology. Sex differences in clinical manifestation.	Pesquisa Quantitativa	Rynkiewicz e Łucka. (2018)	Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS)
I, II, III	Gender Differences in Misdiagnosis and Delayed Diagnosis among Adults with Autism Spectrum Disorder with No Language or Intellectual Disability	Estudo observacional transversal	Gesi et al. (2021)	Autism-Spectrum Quotient (AQ); AdAS Spectrum
I, II	Evaluation of sex differences in preschool children with and without autism spectrum disorder enrolled in the study to explore early development	Pesquisa Quantitativa	Wiggins et al. (2021)	Social Communication Questionnaire (SCQ); Autism Diagnostic Interview Revised (ADI-R); Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS)
I, II	What About the Girls? Sex-Based Differences in Autistic Traits and Adaptive Skills	Pesquisa Quantitativa	Ratto et al. (2018)	Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R); Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS); Social Responsiveness Scale (SRS)
I, II	Profiling Autism Symptomatology: An Exploration of the Q-ASC Parental Report Scale in Capturing Sex Differences in Autism	Pesquisa Quantitativa	Ormond et al. (2017)	Questionnaire for Autism Spectrum Conditions (Q-ASC)

Quadro 1 (Continuação). Caracterização dos resultados.

I, II	Are males and females with autism spectrum disorder more similar than we thought?	Pesquisa Quantitativa	Mussey, Ginn e Klinger. (2017)	Autism Diagnostic Observation Schedule–Generic (ADOS-G), Childhood Autism Rating Scale (CARS)
I, II	An investigation of the ‘female camouflage effect’ in autism using a computerized ADOS-2 and a test of sex/gender differences	Pesquisa Quantitativa	Rynkiewicz et al. (2016)	Autism Diagnostic Observation Schedule ADOS-2
I, II	Factors influencing the probability of a diagnosis of autism spectrum disorder in girls versus boys	Pesquisa Quantitativa	Duvekot et al. (2016)	Versão curta da Developmental, Dimensional and Diagnostic Interview (3Di); ADOS-2
I, II	Sex Differences in Diagnosis and Clinical Phenotypes of Chinese Children with Autism Spectrum Disorder	Pesquisa Quantitativa	Wang et al. (2017)	Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R); Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS)
I, II	Does sex influence the diagnostic evaluation of autism spectrum disorder in adults?	Pesquisa Quantitativa	Wilson et al. (2016)	Autism Diagnostic Observation Schedule–Generic (ADOS-G); Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R)
I, II	Sex/Gender Differences in Screening for Autism Spectrum Disorder: Implications for Evidence-Based Assessment	Pesquisa Quantitativa	Evans, Boan, Bradley e Carpenter (2019)	Social Communication Questionnaire (SCQ)

Os resultados foram discutidos na sessão de discussão conforme as categorias analíticas estabelecidas. Foram considerados o cruzamento dos dados obtidos, apresentando as convergências e as divergências acerca dos resultados das pesquisas bem como a correlação destes achados com a literatura bibliográfica acerca da temática.

4 DISCUSSÃO

Esta revisão discute a relevância dos aspectos relativos às diferenças de gênero no diagnóstico do autismo bem como as implicações decorrentes deste processo. Consoante à finalidade desta pesquisa, foram elaboradas categorias analíticas que compreendem aos respectivos objetivos específicos delineados.

Explorou-se, portanto, os dados dos resultados recuperados referentes a cada categoria, as quais são expostas a seguir.

Reconhecimento das características clínicas e sintomatológicas em perfis masculinos e femininos no TEA

No que concerne ao domínio de apresentação de comportamentos restritos e repetitivos no autismo, os autores Duvekot et al. (2016) apontam que estes sintomas emergem como indicadores preditivos relacionados a um menor índice de diagnóstico de TEA infantil em meninas na comparação com os meninos. Os autores indicam, por exemplo, que meninas autistas podem demonstrar menor inclinação para o uso estereotipado de objetos, como no caso de alinhamento de brinquedos, entre outros.

A apreensão da apresentação destas características conforme o gênero, converge aos achados descritos por Moseley, Hitchiner e Kirkby (2018) que verificaram prevalência significativamente maior de interesses circunscritos em homens autistas adultos do que em mulheres autistas adultas, dado obtido por meio do autorrelato destes grupos acerca de suas respectivas percepções destes comportamentos.

De acordo com Duvekot et al. (2016), observa-se que não há uma diminuição quantitativa destes comportamentos e dos interesses circunscritos entre os perfis de gênero. Todavia, considera-se a perspectiva de uma apresentação qualitativamente diferente nas mulheres na comparação com os homens. Tal afirmação converge com a perspectiva de Evans Boan, Bradley e Carpenter et al. (2019), que avaliam a discrepância observada neste domínio interpretando-a mediante a evidenciação de diferenças qualitativas na apresentação destas características entre os perfis masculinos e femininos.

Conforme exposto por Duvekot et al. (2016) e Gesi et al. (2021) alinhado as considerações feitas por Lai, Lombardo, Auyeung, Chakrabarti e Baron-Cohen (2015), características específicas de interesses restritos em meninas podem estar alinhadas a expectativas sociais e, portanto, atribuem maior nível de dificuldade na identificação do autismo neste grupo. Considera-se ainda, de acordo com Wiggins et al. (2021), a perspectiva de delimitação de comportamentos socialmente aceitáveis desempenhados pelas meninas na expressão do espectro, compactuando com maiores níveis de camuflagem e compensação dos déficits apresentados.

Por exemplo, segundo os autores Wilson et al. (2016) e Duvekot et al. (2016), interesses restritos em meninas com TEA podem envolver tópicos socialmente aceitos, como o interesse em bonecas, o que configura a cristalização de conceitos estereotipados e de comportamentos esperados para o gênero, o que mascara o perfil atípico do interesse. Em contrapartida, preconceitos atrelados aos interesses comuns de meninos com TEA, como a fascinação excessiva por trens, dinossauros e entre outros, contribui para a identificação das características deste domínio no grupo masculino.

A compreensão de diferenças no domínio de comportamentos restritos e repetitivos apresenta-se consistentemente presente na literatura a partir das pesquisas conduzidas anteriormente sobre a temática, conforme apresentado por Lai et al. (2015) e van Wijngaarden-Cremers et al. (2014). Esta característica,

fundamenta um dos critérios imprescindíveis para o reconhecimento e diagnóstico do autismo, no qual se verifica a ocorrência de divergências significativas na apresentação entre os perfis masculinos e femininos e consequentemente interpõe empecilhos no reconhecimento do autismo em mulheres.

Para Moseley et al. (2018), expressam-se níveis significativamente diferentes no domínio sensório-motor entre homens e mulheres autistas, com o grupo feminino relatando maior presença de sintomas sensório-motores. Desta forma, os autores avaliam este achado a partir de sua relevância clínica significativa, ao considerar a sobreposição de sintomas sensório-motores mais prevalentes do que comportamentos restritos e repetitivos, por exemplo, o que indica a possibilidade de investigação mais aprofundada desta categoria como expressão do autismo feminino.

Conforme Ormond, Brownlow, Garnett, Rynkiewicz e Attwood. (2018), mediante a observância de diferenças de gênero significativas no processo de reconhecimento do TEA, considera-se imprescindível a análise das implicações deste processo no desenvolvimento do autismo nos perfis masculino e feminino. A apresentação de um fenótipo clínico diferente entre homens e mulheres é relatado por Wang et al. (2017) a partir da evidenciação de dificuldades de identificação e reconhecimento das características comuns do autismo em meninas, pelos pais e profissionais da saúde, o que incorre em maiores índices de diagnósticos tardios e/ou incorretos neste grupo.

Diferenças de gênero no processo diagnóstico do TEA

A proporção das taxas diagnósticas de TEA em meninos na comparação com os índices observados em meninas, conduz para a compreensão dos mecanismos subjacentes ao processo de triagem clínica dos indivíduos encaminhados com suspeita do transtorno e posterior formalização ou descarte do diagnóstico do autismo.

Conforme apontado por Duvekot et al. (2016), taxas semelhantes de sintomas autísticos são observados em meninos e meninas durante as fases iniciais de rastreamento, entretanto mediante a utilização dos atuais instrumentos de confirmação dos traços autistas, observa-se que há maior probabilidade de os meninos receberem o diagnóstico de TEA do que as meninas. Para os autores, este dado pode representar o processo de subdiagnóstico de meninas que não atingem o limiar diagnóstico exigido pelos instrumentos atuais.

Ademais, os estudos apresentam consistentemente a consideração de que para a obtenção de um diagnóstico de TEA, meninas precisam exibir perfis de sintomas clinicamente mais graves, conforme apontado por Evans et al. (2019) e Ratto et al. (2018). Para os autores Ratto et al. (2018) esta afirmação referenda-se na percepção colhida através de entrevistas e questionários direcionados a pais e cuidadores de crianças autistas, que alegam a expressão de traços autísticos femininos mais graves nas medidas de rastreio utilizadas.

Na contramão desta perspectiva, os dados levantados por Wiggins et al. (2021) e Mussey, Ginn e Klinger (2017) discorrem acerca de diferenças mínimas ou mesmo ausentes na comparação das

características de indivíduos masculinos e femininos diagnosticados com TEA, representando maiores semelhanças entre perfis de homens e mulheres autistas.

Advém, portanto, de acordo com Moseley et al. (2018) considerações que identificam possíveis vieses na averiguação do TEA, conforme verificado a partir da conceitualização e padronização das ferramentas diagnósticas e de rastreamento do autismo, desenvolvidas de acordo com os perfis masculinos de apresentação das características. Conforme Lai et al. (2015), esta conjectura representa o desafio nosológico e diagnóstico na condução de pesquisas acerca do TEA.

Para Moseley et al. (2018) quando as mulheres são diagnosticadas a partir do emprego de tais medidas androcêntricas, subjazem maior potencial de aproximação de características femininas no TEA que convergem à apresentação masculina. Incorre, portanto, em duas vias relativas às diferenças de gênero no processo diagnóstico no TEA, o diagnóstico de perfis femininos autistas mais semelhantes ao perfil masculino e a subidentificação de perfis divergentes e/ou com características mais brandas de apresentação.

No processo diagnóstico, os principais instrumentos de rastreamento do autismo utilizados na condução das pesquisas levantadas incluem o Protocolo de Observação para o Diagnóstico de Autismo (ADOS), aplicado de acordo com módulos específicos conforme idade e nível de linguagem e a Entrevista Diagnóstica para o Autismo - Revisada (ADI-R), entrevista semiestruturada direcionada aos pais e/ou cuidadores, o que enfatiza a relevância destes instrumentos, considerados padrão-ouro, no processo diagnóstico do TEA.

Para Ratto et al. (2018), medidas como ADOS e ADI-R compreendem ferramentas direcionadas à confirmação de sintomas, com especificações estritamente baseadas em amostras masculinas, o que alerta para a adequação dos critérios e características abordadas, visando a inclusão das características autistas femininas.

Um único estudo, conduzido por Rynkiewicz e Łucka (2018), utilizou um questionário específico para o gênero feminino, a escala GQ-ASC (Questionário de Meninas para Condições do Espectro do Autismo), versão modificada do questionário para condições do espectro do autismo. A partir da exploração das seções sobre perfil sensorial e histórico médico, resultados apontaram para maior expressão de problemas socioemocionais em meninas e maior hiporeatividade sensorial.

De acordo com Duvekot et al. (2016), a probabilidade maior de meninas receberem um diagnóstico de TEA correlacionou-se à expressão de níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais, entretanto, tal variável não influenciou no diagnóstico dos meninos. Rynkiewicz e Łucka (2018) apresentam considerações acerca deste dado, referendando a exposição de maiores riscos de desenvolvimento de transtornos relativos à ansiedade, depressão e ideação suicida em meninas, enquanto no perfil masculino co-ocorrem em maior predominância a presença de TDAH, transtorno obsessivo-compulsivo e tiques.

Os autores Duvekot et al. (2016) salientam a repercussão de maiores taxas de problemas emocionais e comportamentais associados a maior probabilidade de diagnóstico em meninas. Pondera-se, então, acerca

da expressão multivariada das características presentes no TEA, que divergem conforme análise dos perfis por gênero.

Relação entre as diferenças de gênero no diagnóstico de TEA e subdiagnóstico do transtorno

De acordo com os autores Gesi et al. (2021), as mulheres com TEA apresentaram idade significativamente maior no primeiro contato com os serviços de saúde, analogamente este grupo exibiu idade maior no momento do diagnóstico do autismo quando comparado aos homens. Ainda segundo os autores, a probabilidade de o grupo masculino ser diagnosticado com TEA era consideravelmente maior do que no grupo feminino, apontando para taxas maiores de diagnósticos errôneos na primeira avaliação pelos serviços de saúde nas mulheres.

Ademais, Ratto et al. (2018) expõem que as mulheres autistas se encontram mais vulneráveis a passar pelo processo de imprecisão de diagnósticos, diagnósticos tardios e/ou errôneos antes de obter o diagnóstico de TEA, o que representa as limitações ancoradas nas atuais ferramentas de diagnóstico, resultando em potenciais efeitos deletérios de intervenções inadequadas.

Para Rynkiewicz e Łucka (2018), mulheres autistas podem apresentar maior determinação no cumprimento de normas sociais, o que vincularia este grupo à um maior risco de não obtenção do diagnóstico do transtorno em instrumentos de rastreio tradicionais. Concomitantemente, os autores Wang et al. (2017) pontuam que a exibição das características TEA pelo grupo feminino nem sempre se manifesta de forma tão evidente, o que dificulta o reconhecimento dos traços autísticos comuns, o que acarreta em maior propensão de diagnósticos incorretos ou até mesmo perdidos.

Segundo Gesi et al. (2021), as mulheres eram mais propensas a serem diagnosticadas incorretamente com transtornos de personalidade, enquanto que os homens eram mais prováveis de serem diagnosticados com TEA já na primeira avaliação. Já no estudo conduzido por Rynkiewicz e Łucka (2018) as meninas obtiveram maiores taxas de diagnósticos prévios de depressão e ansiedade.

Desta forma, de acordo com Gesi et al. (2021) advém-se que a manutenção de descrição de um fenótipo exclusivamente masculino no TEA, contribui para a identificação do transtorno em meninos, porém, dificulta que o diagnóstico seja formalizado corretamente em mulheres autistas, sendo os sintomas femininos comumente atribuídos à outras condições.

Uma outra vertente relacionada ao processo diagnóstico do autismo, refere-se ao atraso no diagnóstico. Dados coletados por Rynkiewicz e Łucka (2018) revelaram taxas de encaminhamento clínico tardio entre mulheres, além de alcance tardio no diagnóstico de TEA na comparação com os homens.

O diagnóstico tardio em mulheres salienta a discussão em torno dos empecilhos impostos ao fenótipo do autismo feminino, levantando questões acerca das barreiras encontradas na delimitação do diagnóstico formal de TEA em idade posterior. Para Green, Travers, Howe e McDougale (2019), este padrão impõe danos desproporcionais ao grupo feminino, uma vez que o diagnóstico em idade posterior implica

em maiores desafios na validação de dados relativos ao histórico clínico e de desenvolvimento das pacientes, imprescindíveis para a confirmação do diagnóstico do transtorno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme evidenciado a partir da discussão levantada em torno da temática, infere-se que as taxas de prevalência majoritariamente masculinas observadas no TEA, apontam para a manifestação de características e traços autísticos divergentes em homens e mulheres autistas e estes provavelmente influenciam no diagnóstico e nas intervenções.

O processo diagnóstico do autismo perpassa inicialmente pelo reconhecimento das características sintomatológicas, considerando a observação e relato de pais, cuidadores, professores e profissionais da saúde. Observa-se, especialmente no grupo feminino, maiores desafios no reconhecimento destas características, em função dos aspectos culturais que repercutem na apresentação de comportamentos socialmente aceitáveis.

Considera-se a cristalização de padrões estereotipados de comportamentos socialmente aceitáveis que são desempenhados pelo grupo feminino, indicando para o desenvolvimento de processos de camuflagem e condutas compensatórias em mulheres com TEA. Advém desta vertente, a investigação mais aprofundada das características sintomatológicas de mulheres autistas e a ampliação da compreensão da manifestação do transtorno pelos profissionais da saúde e ferramentas de detecção do transtorno.

Este paradigma incide paralelamente na construção dos instrumentos de rastreio e de confirmação diagnóstica, que em sua maioria não abrangem as especificidades e variações das características de meninas no espectro. Desta forma, mulheres autistas necessitam exibir perfis mais graves e próximos do modelo masculino para serem identificadas nas ferramentas diagnósticas bem como pelos pais e serviços de saúde, ocorrendo o processo de subidentificação, retardamento do diagnóstico e/ou diagnósticos errôneos de perfis femininos mais brandos e/ou diferentes, que não atingem o limiar diagnóstico dos atuais instrumentos.

Esta pesquisa apresenta como limitações, a utilização de duas bases de dados para a coleta dos dados, ressaltando para um possível aumento das pesquisas analisadas em função da inclusão de outras plataformas de busca. Ademais não foram incluídas neste estudo teses, dissertações e demais trabalhos de cunho científico bem como a utilização de mais descritores de busca e inclusão de outros idiomas, que possibilitariam maior número de achados.

Além disto, pesquisas futuras de caráter longitudinal podem averiguar o desenvolvimento de diferenças nos perfis de mulheres autistas em diferentes fases do desenvolvimento. Do mesmo modo, estudos posteriores podem abordar o caráter de desenvolvimento de mulheres autistas com relação aos efeitos de diagnósticos errôneos e/ou tardios bem como a repercussão de intervenções inadequadas neste grupo.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. (Am. Psychi). Am. Psychiatr. Publ. 4th ed., text rev.
- Baron-Cohen, S., Lombardo, M. v., Auyeung, B., Ashwin, E., Chakrabarti, B., & Knickmeyer, R. (2011). Why are Autism Spectrum conditions more prevalent in Males? *PLoS Biology*, 9(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.1001081>
- Baxter, A., Brugha, T., Erskine, H., Scheurer, R., Vos, T., & Scott, J. (2015). The epidemiology and global burden of autism spectrum disorders. *Psychological Medicine*, 45(3), 601-613. doi:10.1017/S003329171400172X
- Dean, M., Harwood, R., & Kasari, C. (2017). The art of camouflage: Gender differences in the social behaviors of girls and boys with autism spectrum disorder. *Autism*, 21(6), 678–689. <https://doi.org/10.1177/1362361316671845>
- Duvekot, J., van der Ende, J., Verhulst, F. C., Slappendel, G., van Daalen, E., Maras, A., & Greaves-Lord, K. (2016). Factors influencing the probability of a diagnosis of autism spectrum disorder in girls versus boys. *Autism*, 21(6), 646–658. <https://doi.org/10.1177/1362361316672178>
- Evans, S. C., Boan, A. D., Bradley, C., & Carpenter, L. A. (2019). Sex/Gender Differences in Screening for Autism Spectrum Disorder: Implications for Evidence-Based Assessment. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 48(6), 840–854. <https://doi.org/10.1080/15374416.2018.1437734>
- Galvão, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183–184. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742014000100018>
- Gesi, C., Migliarese, G., Torriero, S., Capellazzi, M., Omboni, A. C., Cerveri, G., & Mencacci, C. (2021). Gender differences in misdiagnosis and delayed diagnosis among adults with autism spectrum disorder with no language or intellectual disability. *Brain Sciences*, 11(7). <https://doi.org/10.3390/brainsci11070912>
- Gil, A. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa (Atlas)*.
- Green, R. M., Travers, A. M., Howe, Y., & McDougle, C. J. (2019). Women and Autism Spectrum Disorder: Diagnosis and Implications for Treatment of Adolescents and Adults. In *Current Psychiatry Reports* (Vol. 21, Issue 4). Current Medicine Group LLC 1. <https://doi.org/10.1007/s11920-019-1006-3>
- Griesi-Oliveira, K., & Sertié, A. L. (2017). Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. *Einstein*;15(2):233-8. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082017RB4020>
- Gomes, P. T. M., Lima, L. H. L., Bueno, M. K. G., Araújo, L. A., Souza, N. M. (2014). *J. Pediatr. (Rio J.)* 91 (2). <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.08.009>
- Lai, M. C., Lombardo, M. v., Auyeung, B., Chakrabarti, B., & Baron-Cohen, S. (2015). Sex/Gender Differences and Autism: Setting the Scene for Future Research. In *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* (Vol. 54, Issue 1, pp. 11–24). Elsevier Inc. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2014.10.003>
- Mendes, K. D. S., Pereira Silveira, R. C. de C., & Galvão, C. M. (2019). Use of the bibliographic reference manager in the selection of primary studies in integrative reviews. In *Texto e Contexto Enfermagem* (Vol. 28). Universidade Federal de Santa Catarina. <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0204>

- Monteiro, M. A., Santos, A. A. A., Gomes, L. M. G., Rito, R. V. V. F. (2020). Transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre intervenções nutricionais. *Rev. paul. pediatri.* 38. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018262>
- Moseley, R. L., Hitchiner, R., & Kirkby, J. A. (2018). Self-reported sex differences in high-functioning adults with autism: A meta-analysis. *Molecular Autism*, 9(1). <https://doi.org/10.1186/s13229-018-0216-6>
- Mussey, J. L., Ginn, N. C., & Klinger, L. G. (2017). Are males and females with autism spectrum disorder more similar than we thought? *Autism*, 21(6), 733–737. <https://doi.org/10.1177/1362361316682621>
- Ormond, S., Brownlow, C., Garnett, M. S., Rynkiewicz, A., & Attwood, T. (2018a). Profiling Autism Symptomatology: An Exploration of the Q-ASC Parental Report Scale in Capturing Sex Differences in Autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(2), 389–403. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3324-9>
- Ormond, S., Brownlow, C., Garnett, M. S., Rynkiewicz, A., & Attwood, T. (2018b). Profiling Autism Symptomatology: An Exploration of the Q-ASC Parental Report Scale in Capturing Sex Differences in Autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(2), 389–403. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3324-9>
- Özerk, K., & Cardinal, D. (2020). Prevalence of Autism/ASD Among Preschool and School-age Children in Norway. *Contemp School Psychol* 24, 419–428 (2020). <https://doi.org/10.1007/s40688-020-00302-z>
- Ratto, A. B., Kenworthy, L., Yerys, B. E., Bascom, J., Wieckowski, A. T., White, S. W., Wallace, G. L., Pugliese, C., Schultz, R. T., Ollendick, T. H., Scarpa, A., Seese, S., Register-Brown, K., Martin, A., & Anthony, L. G. (2018). What About the Girls? Sex-Based Differences in Autistic Traits and Adaptive Skills. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(5), 1698–1711. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3413-9>
- Reis, S. T., & Lenza, N. (2019). A importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. *Revista Atenas Higeia*, 2(1), 1 - 7. <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>
- Rynkiewicz, A., & Lucka, I. (2018). Autism spectrum disorder (ASD) in girls. Co-occurring psychopathology. Sex differences in clinical manifestation. *Psychiatria Polska*, 52(4), 629–639. <https://doi.org/10.12740/PP/ONLINEFIRST/58837>
- Tavares De Souza, M., Dias Da Silva, M., & de Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer Integrative review: what is it? How to do it? (Vol. 8, Issue 1).
- Tubío-Fungueiriño, M., Cruz, S., Sampaio, A., Carracedo, A., & Fernández-Prieto, M. (2021). Social Camouflaging in Females with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 51(7), 2190–2199. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04695-x>
- van Wijngaarden-Cremers, P. J. M., van Eeten, E., Groen, W. B., van Deurzen, P. A., Oosterling, I. J., & van der Gaag, R. J. (2014). Gender and age differences in the core triad of impairments in autism spectrum disorders: A systematic review and meta-analysis. In *Journal of Autism and Developmental Disorders* (Vol. 44, Issue 3, pp. 627–635). <https://doi.org/10.1007/s10803-013-1913-9>
- Walsh, M., Wallace, G. L., Gallegos, S. M., & Braden, B. B. (2021). Brain-based sex differences in autism spectrum disorder across the lifespan: A systematic review of structural MRI, fMRI, and DTI findings. *NeuroImage. Clinical*, 31, 102719. <https://doi.org/10.1016/j.nicl.2021.102719>

Wang, S., Deng, H., You, C., Chen, K., Li, J., Tang, C., Ceng, C., Zou, Y., & Zou, X. (2017). Sex Differences in Diagnosis and Clinical Phenotypes of Chinese Children with Autism Spectrum Disorder. *Neuroscience Bulletin*, 33(2), 153–160. <https://doi.org/10.1007/s12264-017-0102-9>

Wiggins, L. D., Rubenstein, E., Windham, G., Barger, B., Croen, L., Dowling, N., Giarelli, E., Levy, S., Moody, E., Soke, G., Fields, V., & Schieve, L. (2021). Evaluation of sex differences in preschool children with and without autism spectrum disorder enrolled in the study to explore early development. *Research in Developmental Disabilities*, 112. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103897>

Wilson, C. E., Murphy, C. M., McAlonan, G., Robertson, D. M., Espanha, D., Hayward, H., Woodhouse, E., Deeley, P. Q., Gillan, N., Ohlsen, J.C., Zinkstok, J., Stoencheva, V., Faulkner, J., Yildiran, H., Bell, V., Hammond, N., Craig, M.C., & Murphy, D. G. (2016). Does sex influence the diagnostic evaluation of autism spectrum disorder in adults? *Autism*, 20 (7), 808-819. <https://doi.org/10.1177/1362361315611381>.

Young, H., Oreve, M. J., & Speranza, M. (2018). Clinical characteristics and problems diagnosing autism spectrum disorder in girls. In *Archives de Pediatrie* (Vol. 25, Issue 6, pp. 399–403). Elsevier Masson SAS. <https://doi.org/10.1016/j.arcped.2018.06.008>